



FAMÍLIAS CIRCENSES NO DEVIR DA TRADICIONALIDADE: desafios teórico-metodológicos no contexto de uma etnografia itinerante em Minas Gerais

MAYARA FERREIRA MATTOS

Mestre pelo programa de pós-graduação em Antropologia (PPGAN) da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. É antropóloga e funcionária pública do Tribunal de Justiça de Minas Gerais; desenvolveu pesquisas como voluntária pelo programa *Mapeamento de Povos e Comunidades Tradicionais em Minas Gerais: Visibilização e Inclusão Sociopolítica*, além de ser colaboradora da Rede de Apoio ao Circo (RAC).

RESUMO

Este artigo tem por finalidade produzir um esboço dos desafios que permearam o mapeamento das famílias circenses que se deslocam por Minas Gerais, o qual teve como objetivo caracterizar essas famílias como uma comunidade tradicional, visando à instrumentalização política dessa categoria como mais uma estratégia de luta para o coletivo. Acompanhando a dinâmica diária de pequenos circos que transitam, principalmente, pela região metropolitana de Belo Horizonte, e participando das reuniões da Rede de Apoio ao Circo, intento compreender a importância da transmissão dos conhecimentos circenses num devir criativo, temporal e espacial constante; para além de uma tradição estática, as identidades circenses são (re)elaboradas continuamente, desenvolvendo práticas cotidianas ao longo de rotas territoriais marcadas. O sentimento de pertencimento a uma comunidade mobiliza a memória e evoca construções coletivas de identidades que permeiam os indivíduos e conformam as relações históricas do grupo. Sendo assim, é acionando características próprias que os/as circenses se constituem como comunidade tradicional, mobilizando-se para garantir modos específicos de reprodução sociocultural e lutando para que seus conhecimentos sejam respeitados na sua diversidade. Pois, tradicionalidade implica comungar valores próprios aos membros das famílias circenses, ao mesmo tempo que a tradição os/as constroem, eles/elas refazem a tradição, processo dialético de construção de identidades consolidada em conhecimentos tradicionais transferidos e atualizados a cada geração.

PALAVRAS-CHAVE:

Famílias circenses.
Identidade.
Tradição.
Território.

ABSTRACT

This article aims to produce an outline of the challenges that permeated the mapping of circus families that travel through Minas Gerais, which aimed to characterize these families as a traditional community, aiming at the political instrumentalization of this category as yet another strategy of struggle for the collective. Following the daily dynamics of small circuses that mainly transit through the metropolitan region of Belo Horizonte, and participating in the Circus Support Network meetings, I try to understand the importance of the transmission of circus knowledge in a constant creative, temporal and spatial development; in addition to a static tradition, circus identities are (re)elaborated continuously, developing daily practices along marked territorial routes. The feeling of belonging to a community mobilizes memory, evokes collective constructions of identities that permeate individuals and shape the group's historical relations. Therefore, it is by activating their own characteristics that circus people constitute themselves as a traditional community, mobilizing themselves to guarantee specific modes of socio-cultural reproduction and fighting for their knowledge to be respected in their diversity. For, traditionality implies sharing values proper to the members of circus families, at the same time that tradition builds them, they remake the tradition, a dialectical process of identity construction consolidated in traditional knowledge transferred and updated with each generation.

KEYWORDS:

*Circus families.
Identity.
Tradition.
Territory.*



INTRODUÇÃO

Como crianças que espiam por debaixo da lona para conseguirem ver um pouquinho do espetáculo sem ter de pagar a entrada, a construção dessa etnografia se deu por esses olhares curiosos quanto às famílias circenses que se deslocam por Minas Gerais. Intencionando conhecer um pouco mais como os/as circenses (re)construíam suas relações cotidianas, privilegiei por trazer para a discussão a visão daqueles/as que vivem o circo diariamente. Desse modo, o intuito primordial ainda é promover um debate quanto aos desafios em empreender uma pesquisa em que os sujeitos de diálogo estão em constante mobilidade.

Assim, dialogar com algumas famílias circenses me permitiu entender suas particularidades sob uma leitura proposta pela categoria “povos e comunidades tradicionais”, possibilitando compreender que *o circo* não existe no singular; suas apropriações e conformações são múltiplas. Pude notar ainda ao longo do trabalho etnográfico que muitos discursos se entrecruzam, as histórias de vida e subjetividades criadas por cada circense perpassam níveis diferentes e entendimentos outros do que é viver no circo e para o circo. Sendo que essa multivocalidade, própria de qualquer comunidade, precisa ser respeitada e contemplada na exposição dos argumentos que constituem essas narrativas.

DISCUSSÕES TEÓRICO- METODOLÓGICAS: UMA ETNOGRAFIA ITINERANTE

Ao adentrar o campo de pesquisa, notei que os discursos circenses reiteravam constantemente a importância da família no desenvolvimento da comunidade, e ao me aprofundar na bibliografia, pude perceber que circo e família estão



dialeticamente relacionados (FIDELA, 2010). Nesse sentido, a antropóloga Joana Afonso constatou etnograficamente essa relação:

Vários indícios apontavam que a família poderia ter um valor explicativo central na organização social do circo. Desde logo, o facto de *todos os artistas terem nascido na vida de circo* e pertencerem a famílias em que quase toda a gente se dedica ao mesmo ofício [...] A pertença ao circo começou a revelar-se, essencialmente, por uma condição familiar que condiciona o futuro de cada um e à qual parece ser difícil escapar (AFONSO, 2002, p. 24).

A construção do meu recorte teórico-metodológico se deu com base nas constatações e/ou contribuições acima, como ainda a partir de conversas ao longo das orientações pelo Prof.Dr. Aderval Costa Filho quanto à produção da monografia defendida em 2015 e, mais adiante, como voluntária no Projeto *Mapeamento dos Povos e Comunidades Tradicionais de Minas Gerais*, do Programa Cidade e Alteridade/Pós-Graduação em Direito/UFMG. Essas experiências se cruzaram para que, assim, pudesse entender as particularidades das famílias circenses de acordo com a categoria “povos e comunidades tradicionais”.

Ao construir um esboço do que viria a ser minha pesquisa, preocupei-me em não chegar com conceitos hermeticamente prontos ou fechados e fui percebendo que, como afirma Gilmar Rocha “o circense tradicional é o resultado de relações afins e não necessariamente consanguíneas; o que amplia não só a noção de família como a de tradição” (ROCHA, 2013, p. 66). Assim, “espécie de organismo vivo, o circo é, para o circense, a sua casa, o seu trabalho, enfim, a sua vida [...]. O circo se torna uma metáfora para a própria vida” (p. 60-61).

Essa (con)vivência circense produz sentimentos de pertença e laços tão fortes que nem mesmo os membros do grupo conseguem explicar: “Eu tentei sair fora do circo, mas o circo num saiu de mim. Eu fiquei uns 10 anos no circo parado, só mudando lona. Então voltei pra cá de novo. Os filhos, os netos, tá todo mundo no circo¹” (informação verbal).

Assim, ao adentrar por essas conformações próprias, fui percebendo que as famílias circenses extrapolam o devir artístico, (in)corporando e (com)partilhando modos de estar/ser no/o mundo, numa dinâmica muito particular. Pois,

¹ MOISÉS, o rei do pedal.
Reunião RAC, 01 out. 2014.



Circo é círculo. Nele cabem a unidade e a diversidade. Incorporando, absorvendo e transformando costumes, línguas, valores, o circo é reconhecível em qualquer parte do mundo. Esta forma guarda em si todos os elementos que o identificam e o mantêm íntegro (COSTA, 1999, p. 68).

Após definir o meu recorte etnográfico, a saber, as famílias circenses itinerantes em Minas Gerais, percebi que havia muitos entraves quanto ao acesso aos sujeitos da pesquisa. Tive muita dificuldade em localizar os circos de pequeno e médio portes que transitavam pela região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), principalmente, pelo fato de os mesmos “invisibilizarem-se” em bairros periféricos, já que costumam se esconder das fiscalizações constantes exercidas pelos órgãos públicos dos municípios e do Estado.

Dessa forma, informei-me pelo site <http://www.circonteudo.com.br> a respeito de possíveis contatos de circenses ou de alguma entidade que os representasse em Minas Gerais, obtendo o contato da mentora da Rede de Apoio ao Circo – RAC² no Estado, Sula Mavrudis, a qual se disponibilizou a me ajudar, fazendo ainda um convite para que eu acompanhasse as reuniões mensais da RAC.

Sendo assim, precisei desenvolver uma proposta metodológica que desse conta do contexto de pesquisa em questão. Tendo em vista que o caráter itinerante não se restringe somente aos sujeitos em diálogo, mas o próprio fazer etnográfico se deparava com um problema de localizar as famílias circenses, precisei, então, aprimorar estratégias e mecanismos que de fato pudessem oferecer possibilidades de etnografar essa comunidade transumante específica. Desse modo,

Em termos metodológicos, o desafio tem sido optar por uma alternativa mais adequada à análise desse objeto, móvel, fluido, em sua natureza [...] Para seleção dos entrevistados, adotou-se o sistema de rede³, no qual se busca um “ego” focal que disponha de informações a respeito do segmento social em estudo e que possa “mapear” o campo de investigação, “decodificar” suas regras, indicar pessoas com as quais se relaciona naquele meio e sugerir formas adequadas de abordagem. De um modo geral, as pessoas indicadas pelo “ego” sugerem que se procurem outras ou fazem referência a sujeitos importantes no setor e assim se vai, sucessivamente, amalhando novos “informantes”. Nesse caso,

2 A REDE DE APOIO AO CIRCO é compreendida por um conjunto de ações que objetivam resgatar, recuperar, preservar, apoiar e incentivar as atividades dos artistas tradicionais circenses, valorizando e registrando os seus saberes, reestruturando os seus circos e reaproximando os seus familiares, revitalizando as suas atividades, implementando novas possibilidades de trabalho e geração de renda dentro do próprio circo, ao mesmo tempo, mostrando-lhes os seus direitos como cidadãos, abrangendo saúde, educação, trabalho, profissionalização e previdência social. Ajudando-os a acessar as atuais formas de fomento à cultura e, principalmente, dando visibilidade às suas dificuldades para sensibilizar a sociedade e conquistar políticas públicas para a área do Circo.

3 “A rede é definida como todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato” (p. 299). Trata-se, aqui, de uma “rede pessoal” na qual existe um ego focal que está em contato direto ou indireto (através de seus inter-relacionamentos) com qualquer outra pessoa situada dentro da rede (BOTT, 1976, p. 300-302).



esta definição de critérios segundo os quais foram selecionados os sujeitos que compuseram o universo de investigação foi algo primordial (COSTA FILHO & MARQUES, 2012, p. 3-4).

Nessa perspectiva, a RAC foi se estabelecendo como meu “ego” para o desenvolvimento desta pesquisa. Dado que, foi com base no direcionamento e suporte que obtive ao acompanhar as reuniões e realizando atividades junto a RAC, que pude consolidar uma rede articulada conjuntamente com os/as circenses que periodicamente frequentavam as reuniões.

O caráter de troca (experiential e informacional) que se estabeleceu nas reuniões da RAC me permitiu adentrar mais facilmente nas configurações da família circense. Trilhar os circuitos em que esses sujeitos se inserem só foi possível com a ajuda de figuras importantes nesse contexto, como Sula Mavrudis.

Para a construção deste artigo foram realizados trabalhos de campo junto ao Richard Circus (Ribeirão das Neves: 28 mar. 2014 e 30 mar. 2014), Circo Lincoln Castelli (Betim: 11 maio 2014), Fantástico Circo Show (Martinho Campos: jun. 2014 e Contagem: 12 jul. 2015), Kalahary Circo (Arcos: 17 a 21 abr. 2015) e Circo Thor (Cachoeira do campo: 04 jul. 2015). Além disso, participei de uma reunião da RAC junto ao IPHAN em Belo Horizonte (18 mar. 2015) e acompanhei os/as coordenadores/as da RAC em várias atividades que envolviam interesses diversos.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: O CIRCO EM DEVIR

Existem muitas histórias que conformam as trajetórias do circo; elas vêm de longe e estão sempre em movimento. Desse modo, produzindo um balanço histórico geral, será possível identificar as relações de constituição dos circos por meio



das suas famílias tradicionais. Nesse sentido, a digressão histórica pauta-se, principalmente, nas famílias circenses que vieram para o Brasil. No entanto, inicialmente, haverá um rápido esboço do contexto em que parte desse percurso histórico foi se desenrolando.

O surgimento do circo como local de manifestações artísticas é questionável de acordo com a maioria dos autores que tratam desse assunto. Em sites como aprendiz de picadeiro e portal da arte, e com base no que afirma Sula Muvrudis (2011), há menções que remontam as origens da arte circense a pinturas encontradas na China, datadas de mais de 5000 anos, além de gravuras de malabaristas visualizadas nas pirâmides do Egito, objetos de barro e pedra na Ilha de Creta (1800 a.C.) e painéis em tumbas egípcias (1180 a.C.) traziam representações dessa arte – acrobacias, saltos, equilíbrio, exibição de força elasticidade, entre outros. Porém, existe uma distinção operante entre arte circense e circo propriamente dito, diferença essa explicada por Alice Viveiros de Castro no livro *O circo no Brasil*:

As artes circenses, como a dança e o canto, têm origem no sagrado, naquelas representações onde se permitia essa loucura que é a arte. Além, claro, da sua relação com as práticas esportivas. Já o circo, como nós o conhecemos, um picadeiro, lonas, mastros, trapézios, desfiles, animais exóticos e jaulas, isso para não citar a pipoca e o algodão doce, é a forma moderna de antiquíssimo entretenimento de diversos povos e culturas. Mas o circo como espetáculo pago, como picadeiro onde se apresentam números de equilíbrio a cavalo e habilidades diversas, é muito recente (TORRES, 1998, p. 16).

De acordo com essa perspectiva, o circo como entendemos hoje é fruto do empreendimento do militar britânico Philip Astley no século XVIII, o qual compunha seus espetáculos, organizados e estruturados num picadeiro, como base de apresentações artísticas que incluíam o cavalo. Sendo assim, o espetáculo idealizado por Astley foi montado para se apresentar em espaços fixos e delimitados, espalhando-se rapidamente pela Europa. No entanto, as famílias de artistas continuavam itinerantes e levaram o modelo de espetáculo consigo para onde se deslocavam.

Os elementos que acionam a memória ou interpelam por notícias vinculadas à mídia da época acabam causando divergências quanto à data de chegada das trupes e/ou famílias circenses ao



Brasil. Pode-se, no entanto, afirmar que é na segunda metade do século XIX que se deu o grande movimento de chegada das famílias circenses ao Brasil.

Independentemente de marcadores temporais precisos (pois, as histórias, assim como as rotas circenses, não são lineares), o importante é ressaltar que instaladas no Brasil, as famílias estrangeiras uniram-se a outras (estrangeiras e brasileiras) incorporaram hábitos, costumes, aprenderam a língua e foram consolidando uma comunidade. Aqui também criaram seus modelos de espetáculo e deixaram marcas definitivas nas expressões culturais do país.

CARACTERIZAÇÃO ETNOGRÁFICA DAS FAMÍLIAS CIRCENSES

*Há um momento em minha vida que num dá pra descrever
Ao ver o sorriso de uma criança eu tentarei aprender
No momento que estou no palco
Num importa se estou triste ou não
Pois quando pinto o rosto de palhaço
Deixo de ser Waldir e passo a ser Pimentão
Mas num tem nada não
A vida continua
Pois, comandar a nossa família é tarefa muito dura
Todo dia temos que treinar
Para o público não desapontar
Para que na hora da estreia
Possamos animar toda a plateia*



**E vejo que meu trabalho não está sendo em vão
Pois, quando termina o espetáculo
Eu vejo o sorriso bem claro no rosto da multidão
Mas está chegando a hora do fim
Palhaços, trapezistas, bailarinas
Todos temos que partir
Não podemos ficar em um só lugar
O mundo todo temos que alegrar
Só sei dizer que esses eternos momentos
Nunca poderei esquecer.**

(Poesia, Waldir Braga, Fantástico Circo Show)

Como explicitado nas considerações históricas, na maior parte das vezes as famílias circenses utilizavam os conhecimentos técnicos trazidos de seus países de origem e procuravam adaptá-los às condições que encontravam por aqui. Com o tempo, esses conhecimentos foram sendo repassados aos/às herdeiros/as, de geração em geração, como é da tradição circense. Tais aspectos proporcionaram uma conformação específica de seus saberes em território brasileiro.

A união de diferentes grupos pode gerar uma nova família, seja pela junção de famílias nucleares, seja pela (in)corporação de um/a artista solo. Itinerantes, viviam, e ainda vivem, unidos por seus laços familiares e por seus saberes-fazeres de caráter próprio. Assim, a trajetória circense sempre foi marcada pelas formas criativas de adaptação às mais diversas situações que encontrou. Antiga e rica, sua história vem comprovar que a tradição pode contribuir para explicar uma vida tão longa, mas nunca será a razão da estagnação e da cristalização de um modelo.

A família tradicional de circo é identificada, normalmente, pelo seu sobrenome (subdividas em vários circos). Geralmente cada família é uma trupe, que pode trabalhar em seus próprios circos ou que pode ser contratada por outros circos. Existem também famílias que trabalham atrás do pano, na parte administrativa ou gerencial dos espetáculos. As gerações futuras são sempre responsáveis pela perpetuação dos saberes e das práticas das quais são depositárias.



Fundamentada na forma coletiva de aprendizado, reiterada pela memória e constituída na e pela identidade circense, a transmissão desse saber-fazer no circo é dada pela oralidade e corporalidade (conhecimento (in)corporado), sendo o ritual de aprendizagem responsável pelo *habitus* constantemente reificado pelo grupo. A sociabilidade cotidiana é expressa nos movimentos diários dos corpos que não são apenas (re)elaborados para o espetáculo, como também são responsáveis pela (re)produção das próprias famílias circenses.

Seria, então, a reprodução social a responsável por assegurar, por meio da transmissão consciente ou inconsciente do capital cultural acumulado, a perpetuação das estruturas sociais, ou até mesmo das relações que configuram a “ordem social”. O *habitus* seria o modo como a sociedade se sedimenta nas pessoas sob formas de disposições duráveis, ou habilidades adestradas em que se torne propenso para pensar, sentir e agir de determinadas formas.

Esse processo foi vivenciado nos ensaios que acompanhei em alguns dos circos visitados. É comum que as crianças brinquem com as claves do malabares, pendurem-se na corda indiana, pulem na cama elástica e entrem no palco acompanhadas de seus pais e suas mães. Durante minha estadia no Kalahary Circo, pude acompanhar a dinâmica diária dos ensaios e percebi que o casal contratado (Flávia e Gilson) estava sempre disposto a passar o que sabia para os/as outros/as artistas. Ayeska Tawanne e Yasmin Naiendre, adolescentes, afirmaram ter aprendido com os/as artistas que passaram pelo circo, além de a própria família ter se incumbido do processo de aprendizagem.

No circo Thor esse processo de inculcação do *habitus* me pareceu ainda mais evidente, pois durante o trabalho de campo realizado, as crianças brincavam de circo atrás do picadeiro. Logo, quiseram marcar que “criança de circo, brinca de circo⁴” (informação verbal).

Eles vivem no palco brincando. No Natal pedem carreta, ônibus, pra brincar de circo. É o dia inteiro eles brincando de circo, aí eles mudam de lugar, como se fosse de uma cidade pra outra, um contrata o outro. Um é dono, aí daqui a pouco já num é mais dono. E como é que você tira isso? Como é que entra na cabeça de uma pessoa, que a vida deles é isso aqui? [...] Minha filha é contorcionista, quando era do tamanho desse meu menininho aqui (Raul de pouco mais de um ano) ela já fazia coisa que você num acreditava. Tem

⁴ CIRCO, Circo Thor, 04 jul. 2015.



aquela adaptação de pequeno, só que ela nós vimos que tinha facilidade pro contorcionismo desde pequena. Já a outra não, ela num gosta. A outra eu acho que vai fazer número de ar, sabe? Adora ficar pendurada nas coisas. Meu filho, eu queria que fosse malabarista, o mais velho, ele odeia malabares, e eu num vou forçar ele a fazer malabares, num é? Ainda mais malabares, que é uma coisa que você tem que ter muita persistência [...] ⁵ (informação verbal).

Vale notar que o trabalho para o/a circense não é completamente (in)corporado pela lógica capitalista e mercadológica, não possui caráter estritamente utilitarista, não se resumindo a uma medida de riqueza das pessoas, sugerindo, como é de costume nas comunidades tradicionais, que os/as circenses possuem uma lógica própria de produção. É importante lembrar que os circos-espetáculos (grande porte) não se encaixam nessa perspectiva, pois o profissionalismo exigido dos/as artistas e as relações de trabalho traduzem muito mais a lógica do mercado, apesar do quadro de artistas muitas vezes ser provido por membros das famílias circenses tradicionais. Nesse sentido, os/as circenses com que dialoguei durante esta pesquisa insistiram que trabalhar em grandes circos causa um desgaste maior ao artista, o qual se encontra pressionado a atualizar e melhorar seu espetáculo, mas sem ter uma valorização de fato por parte do/a proprietário/a do circo.

Importante notar que a perpetuação do circo não está condicionada à sua materialidade, mas sim à transmissão do saber-fazer circense, que passa a cada nova geração e garante uma predisposição para se criar um novo circo ou seguir para outro como uma família contratada. Em um diálogo a respeito da separação da família Mariano (Circo Belga), Roger (Circo Broadway), Zé Maria (Volver Circus) e Valter Reis (Circo Nova Geração) discorrem sobre esse momento crítico:

Roger: Igual o caso do Zé Maria, lá em casa aconteceu também, é complicado, muito cacique pra pouco índio, ficou muito pequeno o circo pra quantidade de pessoas que tinha. Ele sabe disso, né? Por que são quantos irmãos Zé Maria?

Zé Maria: Quatro irmãos.

Roger: Aí tem mais os filho [...] Cada um tem uns quatro, cinco filho.

Valter: Num é só o Zé Maria, não, eu passei por isso também, nossa família lá era oito irmãos. Quando ia dividir o serviço, um queria fazê aquilo, outro num aceitava, chegou um ponto que acaba saindo mesmo.

Roger: É inevitável, num tem jeito.

⁵ SAMARA, Circo Thor, 04 maio 2015.



Valter: Mas é a família, é a vida da gente.

Roger: Apesar que lá em casa tava muito bem dividido. Apesar que a gente pegava setores, que era assim, setores que sobrecarregava qualquer um. Tanto parte de logística, quanto parte externa e interna. Então o Robert optou por sair também, casou e ficou em Barreiros na Bahia. O Iran daqui uns dia vai sair também com o circo dele. O Júnior vai sair. Aí vai ficá só eu e o Samuel. E a vida continua⁶ (informação verbal).

A alta mobilidade e trânsito entre os/as circenses por diversos circos dificulta ainda mais a localização dos/as mesmos/as. Por isso, a importância de se trilhar a pesquisa e realizar o mapeamento por meio das famílias circenses, já que, apesar de a família nem sempre estar junta num mesmo circo, há sempre contato entre os membros da comunidade, permitindo situá-los espacial e temporalmente.

No que tange à tradição, a abordagem antropológica utilizada aqui contempla como o próprio grupo define o ser “tradicional” e como suas relações de pertencimento ao circo operam pela tradição.

Eu nasci numa barraca de circo. Meu avô fugiu com o circo tinha 14 anos. Aí ele seguiu a família dele em circo, casou em circo, aí ele foi gerando a família. E aí meu pai passou a tomar conta do circo depois que ele faleceu. Depois meu pai veio a falecer e eu continuei com o circo, e agora tem meus filhos e levem meus netos também, 12 netos que já tá uma carreirinha, escadinha [...] E vai seguindo o circo, uma paixão que num tem nem como explicar⁷ (informação verbal).

Eu fui adotado por circenses, por uma família, há muitos anos. Trabalho há mais de 40 anos na vida de circense [...] Eu pretendo morrer debaixo de uma lona de circo⁸ (informação verbal).

A gente é unido, tem união, um ajuda o outro. Isso é tradição de circo⁹ (informação verbal).

Vale salientar que esse acesso à tradição não é monopolizado somente por aqueles/as que nascem debaixo da lona de circo. O caráter agregador da família circense permite que alguém “estranho” ao grupo possa adquirir, por meio da aprendizagem e da transmissão de saberes inerentes ao

⁶ Reunião RAC, 1 jul. 2015.

⁷ NARCÍSIO, Circo Nacional do Garrafinha. Reunião RAC 08 set. 2014.

⁸ JORGE, Circo Romani. Reunião RAC 08 set. 2014.

⁹ WILDA ZIGUISMOL, Circo Kalahary, 18 abr. 2015.



mundo do circo, o status de “tradicional” de circo. O uso do termo tradicional para os/as circenses é também utilizado como um qualificativo impresso no sentido de aceitação do indivíduo ao grupo, o que não ocorre da mesma forma para todos/as que adentram no circo.

No que se refere às questões identitárias, a autodefinição do grupo é primordial para as suas articulações políticas, partindo de conceitos antropológicos que definem a identidade como relacional, em que sinais diacríticos são produzidos nas e pelas interações e relações (CUNHA, 2009), é possível notar que o/a circense se identifica como tal em oposição ao/à outro/a não-circense. “A gente chama o pessoal da cidade de loci, porque eles não entendem como é a vida no circo”¹⁰ (informação verbal). O processo constituinte da construção de identidades possui a memória coletiva como aporte, no caso circense, gerando especificidades próprias ao grupo, permitindo operar a diferença entre os/as cidadãos/as e os/as integrantes do circo.

Assim, a emergência da categoria “povos e comunidades tradicionais”¹¹ permite entender que os grupos, através do processo de interação, classificam e constroem oposições sociais e simbólicas, diferenciando-se de outros ou criando fronteiras identitárias. Por conseguinte, a identidade (in) corpora aspectos políticos e passa a se expressar no campo das relações de poder, pressionando por mudanças nas sociedades brasileira e mineira.

Quanto às especificidades inerentes a essa comunidade tradicional, pode-se afirmar que a transumância é uma característica muito importante no desenvolvimento do grupo. Apesar de o sentimento de pertença constituído de um lugar de referência (território) ser um vínculo fundamental na constituição de qualquer comunidade tradicional, essa territorialidade não precisa ser necessariamente fixa. O sentido do território também é relacional, não significando simplesmente enraizamento, estabilidade, limite, e/ou fronteira. “Justamente por ser relacional, o território inclui também o movimento, a fluidez, as conexões” (HAESBAERT, 2006, p. 55). Logo, é preciso explorar as dinâmicas sociais no circo para compreender as particularidades de seus processos de territorialização¹².

Assim, a “territorialidade específica”¹³ circense é nômade, o território se constitui na dinâmica das atividades artísticas e nas estratégias socioculturais do grupo. Quando chegam a um determinado lugar, os/as circenses estabelecem relações sociais com o entorno, mas, após alguns dias

10 MATHEUS OTAVIANO, Circo Kalahary, 19 abr. 2015.

11 Aciono a noção de comunidades tradicionais para definir grupos humanos diferenciados, sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa noção refere-se tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos (DIEGUES, 2000, p. 62).

12 O processo de territorialização permite transformar um objeto político-administrativo em uma coletividade organizada, que formula uma identidade própria, organiza-se de modo a instituir mecanismos de tomada de decisão e representação, ensejando uma reestruturação das formas culturais. (OLIVEIRA FILHO, 1998)

13 A “territorialidade específica” é uma noção prática que nomeia as delimitações físicas de determinadas unidades sociais que compõem os



(normalmente, uma ou duas semanas) deixam aquela cidade já com um novo local programado, se (re)territorializando, ou seja, (re)estabelecendo relações com o arredor.

Dessa forma, é preciso contemplar as redes territoriais estabelecidas na (con)formação da rota circense. Desse modo, quando se quer saber notícias de outros circos, ou de circenses, o melhor caminho é procurar o circo mais próximo, pois os circos servem de pontos de referência e de informações. É como se fosse um recurso de segurança: cada circo sabe dos outros circos e se comporta como parte de um todo, arquitetando uma rede entre si. Fui percebendo que essa rede se solidifica em três elos básicos: o compromisso, a confiança e a solidariedade.

As dificuldades enfrentadas pelos/as circenses devido ao modo de vida itinerante são marcadas por denúncias quanto aos preconceitos e ao racismo institucional que as famílias de circo vivenciam, seja pelo fato de os/as gestores/as públicos/as negarem a entrada de circos em algumas cidades, seja pela burocracia que sobrecarrega os escassos recursos circenses. Os obstáculos interpostos na obtenção de terrenos acabam por conformar uma outra rota territorial circense: “antigamente, o circo seguia uma rota, agora a gente vai onde deixam a gente ir”¹⁴ (informação verbal). Desse modo, suas rotas tradicionais estão cada vez mais condicionadas aos interesses de gestores/as públicos/as.

CONCLUSÃO

O presente artigo primou por delinear diversos desafios apresentados na construção desta pesquisa, além de demonstrar importantes aspectos que circunscrevem o universo circense. Foi com base nesse contexto que compreendi melhor como os membros das famílias circenses procuram legitimar suas identidades coletivas tradicionais por meio dos seus modos peculiares de ser/estar no mundo, valores esses partilhados pela memória, que é responsável pela manutenção e pela formação da tradição em um processo dinâmico.

Após o estabelecimento de um vínculo profissional, afetivo e militante, também pude acompanhar a luta das famílias circenses pelo direito à diferença e sua manutenção como sujeitos pautados

meandros de territórios etnicamente configurados, sendo considerados como resultado de diferentes processos sociais de territorialização, delimitando, de modo dinâmico, terras de pertencimento coletivo que convergem para um território (ALMEIDA, 2008).

¹⁴ Rodrigo, Circo Di Roma, reunião RAC 08 abril 2015.



em uma identidade cultural específica, que é atravessada por entraves do poder público no que diz respeito à enorme burocracia (nas suas relações com as estruturas do Estado) a que estão submetidos e que os impedem de se reproduzirem socioculturalmente.

Foi nesse sentido que a caracterização das famílias de circo, dentro da categoria “povos e comunidade tradicionais”, apresentou-se como um importante instrumento de luta para que essas reivindicações ganhassem novo fôlego, (re)estabelecendo esperanças de que o respeito às diferenças seja de fato cumprido e até mesmo promovido.

REFERÊNCIAS

- » AFONSO, Joana. **Os circos não existem**. Imprensa de ciências sociais, 2002.
- » ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. **Terras de Quilombos, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas**. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2008.
- » BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- » BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16º Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002.
- » CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura Com Aspas**. São Paulo: Cosac Nayfe, 2009.
- » COSTA, Martha Maria Freitas da. **O velho-novo circo: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação de valores institucionais**. Dissertação de mestrado apresentada à Fundação Getúlio Vargas. 1999
- » COSTA FILHO, Aderval; MARQUES, P. A. **Migração sazonal e migração definitiva: a diáspora gurutubana**. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho I – Identidades Coletivas nos meios urbano e rurubano – I Seminário Internacional Cidade e Alteridade: Convivência Multicultural e Justiça Urbana, realizado na Faculdade de Direito/UFMG, entre 25 a 28 de novembro de 2012. Belo Horizonte/MG.
- » DIEGUES, Antonio Carlos (org.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério de Meio Ambiente, 2001.



- » DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas: Unicamp, 1995.
- » FIDELA, Sylvia Contreras Salinas. **El circo: un encadenamiento de sentido**. Atenea 502, II Semestre, p. 97-109, 2010.
- » HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M.; BECKER, B. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 43-70, 2006.
- » ROCHA, Gilmar. **A magia do circo**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.
- » MAVRUDIS, Sula. **EnCIRCOpedia: Dicionário Crítico Ilustrado do circo no Brasil**. Belo Horizonte: Mútua Comunicação, 2011.
- » OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. **Uma etnologia dos índios misturados: situação colonial, territorilização e fluxos culturais**. MANA 4(1):47-77, 1998.
- » TORRES, Antônio (org.). **O circo no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.